



Insegurança alimentar: falta de políticas públicas projeta cenário ainda pior em cinco anos

A nutricionista Sandra Chemin, coordenadora do curso de Nutrição do Centro Universitário São Camilo – SP, explica o que é segurança alimentar e analisa a realidade do Brasil em meio à alta dos preços dos alimentos

O Dia Mundial da Segurança Alimentar, celebrado nesta terça-feira (7), vem em um momento delicado para o mundo. No Brasil, a discussão sobre o tema ganhou força a partir de 2001, quando a definição de segurança alimentar pôde ser debatida dentro do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea).

De acordo com a nutricionista Sandra Chemin, coordenadora do curso de Nutrição do Centro Universitário São Camilo – SP, a segurança alimentar foi definida como a implantação de políticas públicas que visam assegurar o direito à alimentação. “Isso não diz respeito apenas à quantidade, mas também à qualidade, e que essa alimentação seja adequada ao estado nutricional de cada um e apropriada segundo a cultura alimentar da população e as condições sociais e econômicas”, detalha.

A insegurança alimentar é, portanto, o não-acesso a alimentos com quantidade e qualidade adequada.

Efeitos

Entre as consequências dessa insegurança, a nutricionista destaca que o País terá uma população com condição de saúde inadequada. “Para as crianças vamos ter déficit de crescimento e de peso. Acompanhado a isso teremos todas as doenças carenciais provocadas pela falta de determinados alimentos essenciais à vitalidade do organismo”, diz. Hoje, no Brasil, a principal doença carencial é a anemia. “Ainda temos uma população anêmica muito grande, assim como carência de vitamina A e de iodo. E tudo isso leva à baixa de imunidade”.

Segundo a coordenadora, a insegurança alimentar é tão grande que, às vezes, as pessoas não têm déficit de peso nem altura, mas têm anemia ou outra doença carencial. “Começamos a perceber carências de vitaminas do complexo B. Há uma série de sinais: muito cansaço, dor na panturrilha e excesso de transpiração, são sintomas que indicam falta de vitaminas do complexo B”, explica.

Dados

No Brasil, entre 5 e 24 de dezembro de 2020, 116,8 milhões de pessoas não tinham acesso pleno e permanente a alimentos. Os dados foram divulgados pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), em abril de 2021.

“No momento, não vejo políticas públicas para melhorar a segurança alimentar. Os Conselhos não estão atuando, não existe representatividade da sociedade civil, e isso tende a piorar”, avalia Sandra Chemin. “Com a situação econômica que estamos enfrentando, com alta de preços do botijão de gás e dos quilos de arroz e feijão, vemos pessoas buscando alimento em restos de lixo. A alta no preço dos alimentos agrava a insegurança alimentar”.

A nutricionista lembra, ainda, que o Brasil tem uma Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN), de 2006, que coloca a necessidade de câmaras interministeriais de segurança alimentar.

“Foram estabelecidos planos nacionais de segurança alimentar e nutricional, e o último foi o de 2016-2019, depois parou. Esses planos discutiam formas de promover o abastecimento regular para a população brasileira, de proteger a alimentação adequada e saudável e de controlar os agravos de saúde decorrentes da má alimentação. Tudo isso parou. Está na hora de retomar, senão vai ficar muito difícil trabalhar a saúde da população daqui pra frente. Isso envolve agricultura familiar e educação nutricional”, detalha.

Bancos de alimentos

Para a coordenadora, bancos de alimentos são bons exemplos de iniciativas que atuam no combate à insegurança alimentar. “Eles pegam alimentos como frutas, por exemplo, que estão boas, mas um pouco amassadas, ou então sobras de cozinhas industriais que estão em boas condições de uso, e fazem a distribuição para a população em situação de vulnerabilidade ou para creches e ONGs”.

Conheça duas delas:

- Mesa Brasil Sesc
- ONG Banco de Alimentos

Mais informações para a imprensa:



Fatima Capucci – (11) 99242-7909
fatima.capucci@activacomunicacao.com.br

Barbara Câmara – (11) 97631-4790
bcamara@activacomunicacao.com.br

Christiane Nociti – (11) 98248-9151
cnociti@activacomunicacao.com.br